

1.  
senhores estarão talvez lembrados que na penúltima conferência deste curso  
**COPIA** procurei caracterizar a cena atual da literatura de dois pontos, de  
vista subjetivos, a saber do ponto de vista dos leitores e dos escritores. A  
minha tarefa hoje será a de considerar a literatura como uma das tendências que  
nos determinam, e que abrem simultaneamente algumas das trilhas pelas quais pro-  
jetamos as nossas vidas. Devo dizer primeiramente que a literatura é vivencia-  
da em São Paulo de uma maneira diferente de, digamos Londres. A grande maioria  
da obra que lemos foi escrita na Europa ou nos Estados Unidos, isto é em ambien-  
te que não é o nosso. O efeito deste fato tem muitos aspectos, dos quais mencio-  
narei brevemente apenas os seguintes:

O primeiro aspecto diz respeito à língua. A maioria das obras que lemos foi es-  
crita em língua estrangeira. Apreendemos línguas, é com efeito principalmen-  
te para termos acesso a literaturas. Mas é quase impossível dominar uma língua  
que não a materna de tal maneira que permita sorver as derradeiras implicações  
da sua estrutura. Sei da minha luta com o português dessa dificuldade excrucian-  
te. A consequência é que sabemos, ao lermos uma obra estrangeira, que algo,  
e talvez o mais importante, nos escapa continuamente. Podemos, é óbvio, ler tra-  
duções, e a isto nos força, ultimamente, também o preço dos livros importados.  
Mas é igualmente óbvio que traduções distorcem os originais, quer se trate de ob-  
ras poéticas, quer de literatura filosófica, ou mesmo de científica e informati-  
va. Acresce que a nossa dependência de traduções diminui radicalmente o campo  
de obras que se nos oferecem. Estas desvantagens são compensadas pela posição  
distanciada que São Paulo nos proporciona. Não somos, como o são os leitores  
dos grandes centros, prisioneiros de uma determinada literatura, e nossa cultura  
literária, embora talvez menos profunda, é mais ampla. Os movimentos nas diver-  
sas literaturas nacionais nos arrastam com força menor, parcialmente porque nos  
comovem menos violentamente, e parcialmente porque são contrabalançados por mo-  
vimentos em outras literaturas. Estamos portanto em situação que nos predetermina  
para o eclecticismo. Isto é uma limitação e um desafio.

O segundo aspecto diz respeito a nossa atitude para com a literatura brasileira.  
Ela não forma, como o faz a literatura francesa em Paris ou a italiana em Ro-  
ma, o ambiente natural dentro do qual o nosso espírito se moldura. Forma, pelo  
contrário, uma ilha, na qual o nosso espírito descança das influências estran-  
geiras. A consequência disto é contraditória no seguinte sentido: tendemos, de  
um lado, a desprezar as obras brasileiras, porque nos parecem marcadas de regio-  
nalismo. E tendemos, do outro lado, a supervalorizar essas obras, porque são elas  
que nos tocam existencialmente mais de perto. Essa nossa atitude ambivalente ex-  
plica talvez a predominância de todo desproporcional que ocupa a crítica literá-  
ria na literatura brasileira. Creio que esta tendência para a crítica, se con-  
tinuar, poderá ameaçar a literatura criadora de sufocamento. O Suplemento Lite-  
rário do Estado de São Paulo, que é o foco principal da literatura brasileira, il-  
lustra o perigo ao qual estou aludindo, embora creia que sua direção procure com-  
bate-lo conscientemente. A crítica estrangeira da literatura brasileira não nos  
ajuda muito numa tomada de posição equilibrada. Tende para um desprezo da Ameri-  
ca Latina, nascido da ignorância e da prepotência, ou para salientar os aspectos  
exóticos dessas literaturas.

O terceiro aspecto é econômico e tem a ver com o analfabetismo brasileiro. Os  
nossos livros são extremamente caros, porque a sua tiragem é pequena. Isto

culta a construção de bibliotecas, e relega muitos leitores a bibliotecas públicas **COPIA** e ao empréstimo de livros. A consequência disto é uma determinada atitude para com livros. A mesma causa econômica impede a existência de revistas de literatura e de cultura que sejam independentes, no sentido de espelharem a cena literária de pontos de vista fluidos e difusos. As revistas que existem ou são sensacionalistas, e assim conseguem enganar leitores, ou representam os pontos de vista econômicos e políticos que as financiam. Isto dificulta ao leitor uma visão abrangedora da literatura.

Dadas estas coordenadas especificamente brasileiras, nas quais a literatura se nos apresenta para determinar-nos, passo a considerar a literatura mesma. Já discuti a literatura científica no seu próprio contexto, e resumo apenas o que ficou dito. Essa literatura forma a grande maioria da nossa leitura, porque é por ela que procuramos uma visão da nossa circunstância grandemente determinada pela ciência e tecnologia. As obras especializadas não nos ajudam nesse nosso empenho, porque são de validade fugaz e porque oferecem apenas aspectos de segmentos que não podem ser acumulados. Ajudam em formar especialistas, e não existências que se projetam. As obras de ampla divulgação, quando em nível elevado, deturpam a ciência porque introduzem nela elementos de filosofia geralmente de pessima qualidade. As obras de divulgação barata criam aquele clima de cientifismo tão contrário ao espírito da ciência, e tão fértil na produção de ideologias. São no entanto apenas esses tres tipos de literatura que nos fornecem um acesso, por problemático que seja, ao mundo tecnológico que nos cerca. Pessoalmente recorre sempre mais a enciclopédias, embora essas sofram dos mesmos defeitos, é embora se tornem superadas muito rapidamente. Com estas observações elimino este tipo de literatura da exposição seguinte.

Considerem o papel representado, na geração dos nossos pais, pelo romance. Os romances eram como que janelas abertas para o mundo. Por elas o leitor vislumbrava o mundo no qual existia. Essas janelas serviam para a orientação no mundo e ofereciam nos seus chamados "heróis" padrões para projetos de vida. A história da idade moderna pode ser descrita com muito maior fidelidade se tomarmos por base os romances, de que se nos baseamos sobre guerras. Podemos, deste ponto de vista histórico, apreciar os romances como expressões de cosmovisões, ou então como forças plasmadoras da cosmovisão da geração vindoura. A leitura dos romances era o equivalente, naqueles tempos, nos quais a ciência ainda não predominava, da leitura científica da atualidade. Pelos romances apreendia e compreendia o leitor a sua situação e tomava decisões para projetar-se nela. Romances poderosos alteravam imediatamente as decisões de incontáveis vidas. Dou como exemplo a onda de suicídios que varreu a Europa depois da publicação do Werther de Goethe, ou, como exemplo menos violento e mais constante, a figura de Robinson Crusoe como padrão de vida.

Disse que o romance era o equivalente da literatura científica da atualidade. Mas é óbvio que o romance era muito mais bem sucedido como tentativa de orientar o leitor no mundo. Era o depoimento, não de um especialista, mas de uma existência em luta contra a situação determinante. Dava ao leitor não apenas um aspecto soisidant "objetivo", mas mergulhava o leitor diretamente no clima da disputa entre existência e mundo. Por isto envolvia o leitor, e não apenas informava. Todo autor envolvia o leitor com a sua personalidade, e a mente do leitor era penetrada pelas personalidades dos autores. Havia um diálogo interno entre leitor e autor,

e a mente não passava de lugar de diálogos entre autores. O romance era não a

**COPIA** apenas a fonte mais poderosa de informações, mas ainda de valores éticos, estéticos e religiosos. E tudo isto o romance conseguia, porque se desenvolvia num plano superior ao daquele que chamamos "realidade". Esse plano fictício é, com efeito, aquele no qual se desenvolvem os modelos da realidade. O romance, por ser ficção, era o lugar dos modelos da realidade, portanto de modelos do comportamento.

Falei no romance como se fosse fenómeno passado. Com efeito, procurarei mostrar, logo mais, que o romance está praticamente morto. Mas é óbvio que não pretendo negar que romances tiveram influencias decisivas também sobre as nossas mentes.

Basta mencionar nomes como Dostoiewski e Balsac, para provar que o romance do século 19 continua a vigorar em nós, e nomes como Thomas Mann e Hemmingway, para provar o mesmo quanto a primeira metade do século 20. Fomos todos, e em parte ainda somos, leitores de romances. Ainda nos dizem respeito. Mas creio que lemos romances com uma disposição mental que acabará por destruir o romance. Alcançaremos um estágio, no qual me encontro, (e suponho que muitos dos senhores se encontrem), no qual a leitura de romances se transforma em experiência puramente estética, ou em pura perda de tempo. O romance está se transformando para nós em exercício estilístico, ou em apresentação de teses filosóficas disfarçadas, que o autor nos administra subrepticiamente. Em outras palavras: o romance é para nós ou poesia disfarçada, ou ensaio disfarçado, ou uma combinação dessas duas formas de literatura. Perdeu para nós a qualidade de ficção modeladora da realidade, isto é perdeu a qualidade épica que o caracteriza. Tornamo-nos progressivamente impermeáveis ao enredo do romance que passa a não interessar-nos, ou, o que é pior, que passa a perturbar a nossa leitura. Dostoiewski era um romancista, porque as suas obras tinham enredo. Eram, com efeito, romances policiais, se quisermos modernizá-lo um pouco. Pois isto não nos interessa, já que desvia a nossa atenção daquilo que para nós é o interessante em Dostoiewski. Em outras palavras, lemos o Crime e Castigo como se não fosse romance.

Isto se deu em muitos de nós, e vai se dar em todos, pela razão seguinte: O romance se dá, como disse, num plano acima da realidade, um plano que visa essa realidade e procura modelá-la. Pressupõe portanto tácitamente essa realidade: A realidade pode ser social ou psicológica, ou simplesmente geográfica ou histórica, mas é sempre pressuposta. É possível classificar os romances pela realidade que visam. Mas para nós essa realidade pressuposta tornou-se problemática, a saber tornou-se justamente o nosso problema. Somos incapazes de simplesmente pressupor e aceitar o romance como visando ela. É por isto que a literatura científica adquiriu para nós o sabor antigamente próprio do romance. Lemos livros de sociologia como antigamente leram Balsac, porque para nós a sociologia se passa num plano fictício modelador de algo que gostaríamos de chamar "realidade". As teorias da sociologia são para nós, o que eram as figuras de Balsac para os nossos avós, a saber modelos fictícios que procuram espelhar algo. Estamos afastados mais um passo da realidade. É por isto que os romances como histórias modeladoras nos parecem ainda muito mais fictícias, e é neste sentido que a sua leitura se torna tão difícil. Os cientistas são os nossos romancistas.

É por isto que é quase impossível atualmente escrever-se romances. Essa impossibilidade tem seus aspectos técnicos que quero apenas mencionar, sem discutilos a fundo. O romance como forma técnica de contar uma história está esgotado.

terístico é Guimarães Rosa. Falarei nesse tipo de literatura quando a poesia. **CÓPIA.** sentido for o meu tema. E outras formas de literatura surgem sob o rótulo de romance, que o escopo do presente curso não me permite de discutir mais demoradamente. São todas elas resultado da perda de senso de realidade, e da tentativa de formular um senso novo. Nomes como Guenter Grass na Alemanha, e Robe Grillet na França ilustram o que tenho em mente. Esses autores procuram superar Joyce e Kafka, ou pela síntese desses dois revolucionários, ou pela volta, com novas categorias, para uma tradição já agora esvaziada. A leitura dessas obras é para nós um testemunho da nossa situação, e um sintoma das tentativas de superá-la. Mas certamente não é a fonte de nossos projetos.

Conduzi o argumento rapidamente para chegar a uma meta pré-concebida, a saber ao ensaio. O ensaio me parece ser o ponto no qual surge uma literatura nova a substituir o romance. Nomes como Camus e Ortega são os antepassados dessa forma. Permitam que lhes exponha o que tenho em mente: o romance como fonte dos nossos modelos de vida falhou em nossa situação, porque pressupõe uma realidade que nos escapa. O ensaio procura aceitar essa falta de fundamento, e procura abrir avenidas de projeção numa situação sem fundamento. Procura fazê-lo discutindo essa própria falta de fundamento em seus múltiplos aspectos, e procura estabelecer um novo fundamento. É óbvio que o que acabo de dizer parece definir a literatura filosófica, pelo menos em um dos significados que esse termo tinha no passado. Mas o ensaio não é simplesmente filosofia. É conscientemente "belas letras", como antigamente se dizia. Dá-se ficção, num significado curioso do termo. É por isto que está preocupado com a sua forma. Procura atingir o leitor da mesma forma como antigamente o atingia o romance. Procura englobar o leitor não somente pelas informações, mas ainda éticamente e esteticamente. Não se confunde com filosofia, porque não pretende a uma construção de modelos de realidade. Não se confunde com ciência, porque não almeja objetividade. Não se confunde com ficção, porque não se passa em camada ontológica própria que visa uma realidade aceita. Não se confunde com poesia, porque não é uma manipulação de palavras que visa apenas efeito estético da língua. Não é conto, porque não tem enredo no significado ficcional do termo. Mas em certo sentido é, também, tudo isto que neguei que seja. É filosofia, porque procura penetrar as aparências da realidade. É ciência, porque procura formular sentenças que digam respeito a fatos tidos como observáveis. É ficção, porque admite a subjetividade dessas sentenças. É poesia, porque manipula palavras visando um efeito existencial, isto é estético, nos leitores. É conto, porque fixa um instante da situação para permitir que se revele. Em síntese: o ensaio é a tentativa de superar todas essas formas literárias e criar assim uma nova. Certamente ainda não conseguiu o ensaio a sua meta. É uma tentativa. É por isto que se chama "ensaio". Creio que escrever ensaios é uma maneira característica da atualidade. Herman Hesse, no seu livro "Jogo com contas de vidro", que é um romance híbrido, em parte ficção científica, em parte psicológico, em parte social e em parte filosofia da arte, condena o ensaio. Chama a nossa época de "tempo dos feuilletons", isto é artigos de jornal ensaístas. Mas o seu próprio romance acaba caracteristicamente com tres ensaios que contem poesias. O seu próprio romance é uma prova da morte do romance. Embora aparentemente contrário à minha tese da preponderância justificada do ensaio na cena literária atual, é Herman Hesse um testemunho da minha afirmativa.

Recapitulo rapidamente a minha tese, para que seja discutida: o romance era, até recentemente, uma fonte de projetos de vida. Ainda nós somos informados pelos romances do passado. Mas o romance pressupõe uma realidade, comparada com a qual o seu enredo é fictivo. Nós perdemos essa fé nessa realidade: E por isto que o romance não mais pode significar o que antigamente significava. A consequência disto é o surgir de múltiplas formas novas de literatura. A maioria delas são simplesmente tentativas de negar ou de prorrogar a morte do romance. As poucas formas admitem o fim do romance e procuram novas saídas. A primeira é a manipulação consciente de palavras com meta estética, e esta forma será discutida na próxima quinta feira. A segunda é o ensaio. O ensaio representa na nossa cena a tentativa de substituir o romance como fonte de projetos de vida. Não há heróis no ensaio que possam ser copiados. Mas há neles uma visão da situação que pode permitir o vislumbrar de saídas. Os vícios da literatura científica são evitados, porque a ciência é apenas um dos assuntos do ensaio. Dirão talvez os senhores que tecnicamente o ensaio não pode substituir o romance, dado o seu tamanho. É geralmente peça curta. Mas estamos assistindo a uma expansão do tamanho do ensaio. Com efeito, como já disse, muito daquilo que passa por romance atualmente, é, na realidade, ensaio disfarçado. E ensaios invadem romances. Doktor Faustus de Mann, por exemplo, contém vários ensaios sobre teologia, sobre a música, sobre política, e mesmo sobre a arte do romance. São estes ensaios o verdadeiro núcleo desse romance. E começa a surgir um estilo literário típico do ensaio. Um estilo é sempre sintoma de uma mentalidade. A mentalidade que se articula no estilo do ensaio é uma mentalidade desiludida, mas em procura de novas saídas. Há nela muito do espírito científico, muito do espírito novelístico, e muito de poesia. Mas há nela, no fundo, uma procura de religiosidade. Talvez os nossos ensaios não representem apenas uma nova forma de romance do tempo moderno, mas ainda uma nova forma da lenda medieval, da qual, afinal, o romance não passa de herdeiro moderno.